

A DENSIDADE DA SOLIDÃO EM *O MELHOR LANCE*, DE GIUSEPPE TORNATORE.

THE DENSITY OF LONELINESS IN *THE BEST OFFER* BY GIUSEPPE TORNATORE.

Clóvis Da Rolt. * Universidade Federal do Pampa
Jaguarão – RS – Brasil. cdarolt@hotmail.com

Em seu décimo primeiro longa metragem, *O melhor lance* (La migliore oferta, 2013, Paris Filmes, 2h e 11min), o cineasta italiano Giuseppe Tornatore, autor de *Cinema Paradiso* e *Malena*, mergulha nas profundezas da solidão para construir uma narrativa desesperançosa acerca da frágil argamassa que cimenta as relações humanas. A obra de Tornatore em questão poderia, à primeira vista, ser confundida com mais um filme de suspense ambientado no universo idiossincrático dos leilões de arte e suas figuras excêntricas. Todavia, o transcorrer da narrativa desloca a previsão inicial para algo mais elaborado e que, sem dúvida, merece uma reflexão como a que pretendo aqui.

Virgil Oldman (Geoffrey Rush), ou simplesmente Mr. Oldman, é um requisitado leiloeiro e *connoisseur* do mundo das artes, dono de uma prestigiosa casa de leilões e avaliações. O requinte, a sofisticação e a polidez dos hábitos de Mr. Oldman vão ganhando forma ao longo do filme como aspectos proeminentes de sua psicologia, haja vista que tais aspectos parecem também encontrar correspondência no refinamento de seu conhecimento acerca das especificidades técnicas, históricas e estilísticas das obras que avalia. Como alguém que devota sua vida a construir uma reputação e uma carreira, Mr. Oldman traz em seu semblante a severidade de quem se distancia dos outros como forma de autopreservação. “Não gosto de aparecer, prefiro as sombras”, diz a personagem concebida por Tornatore. Esta faceta da psicologia de Mr. Oldman parece lembrar o espectador de que, ao contrário do que ingenuamente poderia se pensar, viver imerso no mundo tão superiormente humano da arte pode não passar de um duelo, por meio do qual os limites da decência e da moral são testados. Isso porque Mr. Oldman, apesar de sua fachada de credibilidade, pratica seu *métier* com o ardil dos inescrupulosos.

O que todos sabem é que o destacado especialista em arte mantém uma agenda apertada que o solicita a estar em vários leilões em diferentes países, orquestrando a excitação típica destes ambientes de glamour e investimento. O que ninguém sabe, exceto seu amigo e comparsa Billy

* Clóvis Da Rolt é licenciado em Artes Plásticas (UCS), Mestre e Doutor em Ciências Sociais (UNISINOS). Professor da Universidade Federal do Pampa – Câmpus Jaguarão/RS.

Whistler (Donald Sutherland), é que Mr. Oldman mantém uma coleção particular de valiosos retratos formada a partir de um golpe de astúcia: desqualificar uma obra original mediante a garantia de que é uma cópia para, posteriormente, comprá-la em leilões com a ajuda de seu amigo Billy, que sempre oferta os lances mais valiosos. No filme, a descrição do golpe aparece detalhada quando o perito Mr. Oldman atribui ao falsificador Veliente um pequeno retrato original do pintor flamengo Petrus Christus, do século XV, já com intenções de adquiri-lo de forma desonesta. Mediante esta tática Mr. Oldman monta uma coleção de retratos femininos, que mantém trancafiados em uma câmara secreta em sua mansão, pintados por Da Vinci, Velazquez, Tiziano, Bronzino, Modigliani, Cézanne e mais de uma centena de outros pintores consagrados.

Dentre os elementos da narrativa que denunciam as peculiaridades da vida de Mr. Oldman está seu comportamento fóbico, o qual o obriga ao uso contínuo de luvas que ele não tira sequer para fazer as refeições, como se vê logo nas primeiras cenas do filme. A personagem construída por Tornatore é completamente avessa ao toque de outras pessoas; sua ânsia de assepsia intensifica-se em cenas em que atende ao telefone com lenços nas mãos e evita cumprimentar outras pessoas mediante contato físico. Agindo assim, Mr. Oldman logo apresenta sua fraqueza principal, seu dilema moral: é possível amar a arte e evitar os seres humanos que a produzem? Sem amigos, sem qualquer vínculo afetivo mais profundo com alguém, sem ninguém para partilhar o bolo de aniversário ofertado pelo restaurante em que aparece jantando, solitário, nas cenas iniciais, ele é o retrato de um indivíduo cercado de luxo, arte e requinte, porém desoladoramente afastado de uma série de outras coisas que também dão sentido e potencializam a experiência de viver. “Falar com as pessoas é muito perigoso”, assevera Mr. Oldman, o que poderia ser complementado com outra fala em que ele se autoproclama “o ancião incapaz de amar.” Resta-lhe, então, a companhia de diversos retratos femininos adquiridos de forma criminosamente, egoisticamente trancafiados numa câmara secreta, onde ele despense horas em contemplações.

Numa bela cena, ao som da elaborada trilha sonora de Ennio Morricone, Mr. Oldman aparece absorto pela atmosfera atemporal e exclusiva da câmara, numa sucessão de imagens que vão alternando os olhares, os lábios, os corpos e os demais detalhes das mulheres representadas nas pinturas. Mulheres que um dia foram reais, mas que estão ali como fantasmas no interior de uma cavidade de concreto. Em uma das cenas Mr. Oldman afirma: “A admiração que sinto pelas mulheres é igual ao medo que tenho de compreendê-las.” Apesar de a esmerada coleção conter inquestionáveis tesouros – obras originais avaliadas criminosamente como falsificações em benefício próprio –, há algo perturbador no ambiente hermético do *bunker* estético de Mr. Oldman. Tudo ali parece forjado para alimentar seu fracasso pessoal e sua paradoxal falta de sensibilidade, além de intensificar sua corrosão moral.

Ao não alinhar-se ao típico colecionador que, geralmente, vê nas obras de arte apenas objetos de investimento financeiro, Mr. Oldman estabelece um tipo singular de conduta no colecionismo: seus retratos femininos convertem-se em companhias nos momentos solitários, em testemunhas silenciosas do vazio interior que governa sua vida. São mulheres perfeitas porque não falam, não interagem, não suam e não podem tocá-lo; constituem, portanto, uma plateia envolvente diante do narcisismo da personagem, especialmente porque funcionam como acompanhantes em seus momentos de isolamento que mais parecem instantes de masturbação mental. Semelhante comportamento vem sendo há muito tempo estudado pela Psicologia, especialmente em relação àqueles indivíduos com dificuldades na fixação de vínculos afetivos com pessoas concretas, as quais, via de regra, carregam todos os dilemas, contradições e vicissitudes da alma humana. O caso de Jeffrey Dahmer, conhecido como o “canibal de Milwaukee”, cuja vida ganhou as telas num filme de 1993, poderia, guardadas suas várias idiosincrasias, ilustrar o repúdio e o desprezo pela vida humana. De sua biografia sabe-se que, numa ocasião, roubou um manequim masculino de uma loja e o deixou nu em um armário, de modo a utilizá-lo quando se masturbava. Existiria, assim, um “si

mesmo” na protagonista de Tornatore, levando-se em consideração uma ideia central do pensamento de Lev Vygotsky que afirma que é através dos outros que nos tornamos nós mesmos? De “outros” concretos e reais? Neste sentido, a inabilidade de Mr. Oldman frente aos relacionamentos concretos faz com que ele questione seu assistente: “Como é viver com uma mulher?”

Mr. Oldman usa a arte como tática de preenchimento de suas lacunas afetivas. Ele não aprecia a humanidade de quem cria a arte, mas a coleciona como possibilidade de forjar através dela uma faceta do feminino que caiba em suas idiossincrasias. O gesto suave e carinhoso com que afaga o rosto das mulheres retratadas nas pinturas é bastante revelador, pois poderia sugerir um ensaio que o deixaria mais preparado diante da possibilidade de acariciar uma mulher de carne e osso.

Mr. Oldman tem certeza de que seu templo artístico não pode ser profanado, até o momento em que conhece Claire Ibbetson (Sylvia Hoeks), jovem herdeira de um patrimônio familiar acometida pela agorafobia, uma enfermidade que aproxima singularmente a vida de ambos. Claire é uma jovem que passa os últimos quinze anos de sua vida enclausurada em um quarto secreto, acessível através de uma parede falsa na grande sala da mansão que parece desabitada. O único empregado remanescente da mansão diz conhecer muito pouco a herdeira do patrimônio, afirma sequer tê-la visto pessoalmente. Na presença de qualquer pessoa, Claire comunica-se tendo a parede como escudo, às vezes arriscando um olhar através de um orifício camuflado em um passarinho nela pintado. O primeiro contato entre os dois ocorre através de um telefonema em que Claire, abalada e melancólica, solicita os serviços de Mr. Oldman para fazer a avaliação da mobília e dos objetos de arte do solar que herdara. A partir deste primeiro telefonema, instaura-se um clima de tensão permanente entre ambos, além de um jogo de aproximações e argumentos evasivos que vão construindo a narrativa e tecendo vínculos mais profundos. No âmbito da narrativa, é impossível não dar relevo ao elemento fóbico que une os dois e à necessidade de isolamento, ainda que por motivos diferentes, que também os põe em conexão.

Mr. Oldman e Claire são visivelmente frágeis e nutrem uma atração pela reclusão. São pessoas amedrontadas e desconfiadas, que oscilam entre as trevas e a iluminação. Por viverem no limite da aceitação dos outros e de si próprios, são inábeis frente aos prazeres eróticos e sexuais. Mas algo desperta em Mr. Oldman um sentimento singular por Claire. Seria ela a mulher real, de carne e osso, que tomaria o lugar das mulheres feitas de tinta a óleo? Seria Claire a mulher capaz de despertar em Mr. Oldman sentimentos nobres de compaixão e alteridade? Para Mr. Oldman está claro que sim. Entretanto, seria necessário que Claire vencesse a agorafobia para que pudesse mostrar-se por completo, além das camadas de verniz.

O mistério em torno de Claire exige uma aproximação cautelosa e sutil. Diante de sua falta de habilidade com este tipo de situação, Mr. Oldman recorre a Robert (Jim Sturgess), um engenheiro com pinta de conquistador que possui uma oficina de recuperação e conserto de objetos dos mais variados tipos. Desde sua primeira visita à mansão dos Ibbetson, com o intuito de iniciar os procedimentos de avaliação patrimonial, Mr. Oldman vai recolhendo fragmentos de engrenagens encontrados em diferentes pontos da casa. As peças parecem desconexas e sem qualquer relação umas com as outras, mas com a ajuda de Robert descobre-se que são, na verdade, partes desconstruídas de um autômato criado por Jacques Vaucanson, o gênio francês do séc. XVIII, célebre por suas invenções de andróides e suas habilidades na relojoaria. Robert passa a ser uma espécie de confidente de Mr. Oldman, ao qual o leiloeiro relata seus encontros com Claire e seu desejo de aproximar-se dela.

Apesar de seu requinte pessoal, de sua reputação no mundo das artes e de um toque de extravagância, os quais, em alguns momentos, lembram afetações típicas de um dândi, Mr. Oldman converte-se em um sujeito patético e acuado diante de Robert, a quem recorre como um adolescente

desorientado diante dos estratagemas da primeira paixão. Várias cenas acontecem neste ambiente da oficina de Robert, onde as trocas de confidências de Mr. Oldman vêm acompanhadas de mais peças por ele encontradas, as quais se juntarão a um autômato que já começa a ganhar forma. Entusiasmado com o desafio de montar o autômato de Vaucanson, Robert encara as fraquezas e desabafos de Mr. Oldman como parte de seu trabalho, sem se negar a sugerir-lhe, a partir de sua experiência com as mulheres, qual a melhor tática de aproximação, qual o próximo passo que ele deve dar. Instaura-se, assim, um clima de confiança entre ambos. Pela primeira vez Mr. Oldman tem a sensação de que está fazendo amigos, de que há pessoas com as quais pode partilhar dramas e aspirações pessoais. Dentre os muitos diálogos que transcorrem entre ambos, uma fala de Robert merece destaque: “O tempo está trabalhando nas engrenagens dele”, diz o engenheiro ao referir-se ao próprio Mr. Oldman, que falava de si utilizando o recurso da terceira pessoa.

Entre as duas principais personagens da trama surge um forte vínculo. Ambos, Mr. Oldman e Claire, parecem descobrir-se mutuamente ao trazerem à tona seus medos e angústias acerca do sentido mais amplo de suas vidas e do modo como repudiam sua dimensão pública. No caso de Claire, viver enclausurada é uma solução. Ela afirma que a última vez em que havia se sentido confortável em um espaço público foi durante uma visita a Praga, quando tinha quatorze anos de idade, ocasião em que fixou em sua memória a imagem do grande relógio da torre da praça central e a lembrança do Café Night and Day. Já no caso de Mr. Oldman – a despeito de aparecer em várias cenas coordenando os lances dos investidores em um púlpito –, é nítida sua indiferença às pessoas que o cercam. A cada nova visita ao solar dos Ibbetson, Mr. Oldman vai aprofundando laços de afeto com Claire e se deixando envolver por um misterioso jogo de sedução e (auto)descoberta. Num primeiro momento, as visitas não passam de ocasiões em que vislumbram-se a técnica e a burocracia do trabalho de Mr. Oldman, o qual envolve a assinatura de contratos, procedimentos de avaliação dos objetos de arte, fotografias, etc. Mas tudo isso vai se intensificando pela necessidade que Mr. Oldman sente em saber quem é a mulher que se isola no quarto secreto. Para obter êxito em seu intento, em uma das visitas à mansão Mr. Oldman esconde-se atrás de uma grande escultura; assim, sem que Claire perceba que ele não deixou a sala, apesar de uma batida de porta, ele consegue ver, pela primeira vez, a beleza daquela mulher de aparência amedrontada.

A condição de Claire desperta em Mr. Oldman um insuspeitado e profundo desejo de solidariedade. Aos poucos, ele se vê completamente envolvido por ela, a ponto de convencê-la de que é possível curar-se da agorafobia. Os momentos de visita vão ficando mais complexos e carregados de esperança. Posteriormente, usando a mesma tática e tentando esconder-se novamente atrás da escultura, Mr. Oldman confessa que havia permanecido dentro da sala para espionar Claire, que encara a atitude dele como um golpe, uma traição. Mas a atitude de Mr. Oldman encoraja Claire a sair de seu esconderijo. Os dois encaram-se pela primeira vez. Amedrontada, Claire revela um semblante com olhar distante, semelhante às obras de arte que, em museus e galerias, permanecem protegidas por demarcações no chão que impedem a aproximação do visitante. Mr. Oldman toca o rosto de Claire com o mesmo gesto com que acaricia as mulheres das pinturas, uma carícia terna e devota sobre um rosto “pálido como uma gravura de Dürer”, como ele mesmo afirma. A partir de então, ele começa a presentear-lhe com vestidos, maquiagem e flores, além de preparar-lhe um jantar, na sala da mansão, onde confidencia: “Não há nada muito original na minha vida.” O elo de confiança construído entre ambos vai se fortalecendo e evolui para uma paixão que os toma com um misto de expectativa e descoberta. Os dois beijam-se pela primeira vez no interior do quarto secreto de Claire. O desenrolar dos encontros entre ambos vai, aos poucos, comprovando o que diz Ortega Y Gasset ao sugerir que “o autêntico amor não é senão a tentativa de permutar duas solidões.”

Por trás de um despertar de alteridade há um desejo implícito de autoavaliação por parte de Mr. Oldman. Ele percebe que, ao deixar-se envolver por Claire, está ventilando um pouco do seu próprio universo sempre vedado ao olhar público. A narrativa parece conduzir o espectador através

de um caminho óbvio em que ambos sairiam fortalecidos deste contato. Mas isso não é, definitivamente, o que sucede. Sentindo-se acuada, Claire momentaneamente desaparece. Procuram-na em todos os cômodos do grande solar, de onde imaginam que ela jamais teria coragem de sair. Mas não há sinais dela. Procuram-na também nos parques da cidade, para onde ela poderia ter se dirigido se sáísse andando a esmo. Neste ínterim, Mr. Oldman aparece conduzindo um leilão completamente irreconhecível, desalinhado, como se fora um amador incapaz de perceber que está lendo as referências técnicas de uma obra enquanto o público aprecia outra. Neste mesmo leilão, Mr. Oldman deixa cair de seu bolso um valioso anel com que presentearia Claire, o qual é imediatamente recolhido do chão pelo próprio leiloeiro que, naquele instante, não consegue deixar de pensar no sumiço de sua amada. Desesperado com o desaparecimento de Claire, Mr. Oldman desabafa com Billy, o mesmo que o auxilia em suas aquisições escusas. Seu cúmplice então dispara: “Os sentimentos humanos são como as obras de arte. Eles podem ser simulados a fim de parecerem originais.” É quando parece ficar subentendido que algo em torno de Claire ainda não havia sido desvendado.

Claire reaparece escondida em um sótão da mansão, um local escuro e isolado. Suas feições lembram a de um animal acuado, as quais dão a Mr. Oldman uma sensação de retrocesso em relação a todo o progresso que havia conseguido na tentativa de ajudá-la a vencer os sintomas da agorafobia. Após um novo momento de estabilidade entre Mr. Oldman e Claire, algo muito forte parece confirmar-se entre ambos. Eles fazem amor e Mr. Oldman revela que nunca havia dormido com uma mulher. Completamente envolvidos, Claire vai morar na suntuosa mansão de Mr. Oldman, após ele sofrer um assalto em frente ao solar dos Ibbetson, o qual parece confirmar as intenções honestas da jovem que, desesperadamente, lança-se à rua, durante uma noite chuvosa, para pedir socorro. Era esta a prova de amor que faltava para Mr. Oldman convencer-se dos sentimentos de Claire?

Já na sala da casa de Mr. Oldman, um lugar que ele mesmo admite que sempre lhe pareceu mais um hotel do que uma casa, ele e Claire beijam-se. “Não me equivocava quando lhe dizia que nos parecíamos”, diz Claire em resposta ao desabafo dele acerca do vazio da casa. Neste momento, Mr. Oldman comete o maior erro que poderia haver cometido. Ele pede que Claire permaneça com os olhos fechados e a conduz até a câmara secreta onde guarda seu tesouro artístico composto de centenas de retratos femininos. Já dentro da câmara, ocultada por um móvel com fundo falso e protegida por um código de acesso, o velho leiloeiro apresenta sua coleção à Claire. “Eu as amei e elas também me amaram. Ensinaram-me a esperar por você”, diz Mr. Oldman, em tom apaixonado, a uma Claire absorta pelo que vê diante de si.

Em um jantar do qual fazem parte Claire, Robert e sua namorada Sarah (Liya Kebede), a jovem herdeira desiste da venda das peças de arte da mansão dos Ibbetson. Mr. Oldman rasga o catálogo preparado pela casa de leilões que administra e, com este ato, declara que ambos, a partir daquele momento, são uma família. Nesta mesma ocasião, ele anuncia que viajará a Londres para conduzir seu último leilão, que será uma despedida de sua carreira como leiloeiro. Ao retornar de Londres, Mr. Oldman procura Claire por toda a casa, mas não há sinal algum dela. Ele avista um quadro apoiado em um canto de uma sala, o mesmo quadro que já havia observado no solar dos Ibbetson e que, segundo Claire, retratava sua mãe. Mr. Oldman pega o quadro e o leva para a câmara secreta, a fim de depositá-lo junto aos outros retratos, mesmo sabendo de seu pouco valor artístico, mas, talvez, sensibilizado por se tratar de um retrato da mãe de Claire. Ao abrir o cofre, Mr. Oldman paralisa completamente, tomado por uma sensação de total perplexidade. Toda a sua coleção havia sido roubada. Nas grandes paredes brancas restam apenas as marcas das centenas de molduras, como impressões de uma história esvaziada repentinamente. Em um canto da câmara secreta está o autômato de Vaucanson montado por Robert, o qual, ironicamente, reproduz uma gravação da voz de Mr. Oldman: “Sempre há algo autêntico oculto em toda falsificação”.

Mr. Oldman é internado numa clínica, após o duro golpe. Restabelecido, ele se empenha na busca por respostas acerca do assalto que sofrera, bem como tenta juntar as peças da engenhosa conspiração na qual fora envolvido. Em um bar em frente à mansão dos Ibbetson ele descobre a verdadeira dona do imóvel, a “verdadeira” Claire, uma anã (Kiruna Stamell) com habilidades matemáticas extraordinárias, que havia alugado a mansão para um grupo de atores que iriam rodar um filme. Ela revela inúmeros detalhes da trama criminosa e assegura que havia visto Claire sair da mansão duzentas e trinta e sete vezes. Tudo não passava de uma grande encenação: a agorafobia, o autômato, a venda da mansão, a amizade de Billy, o amor de Claire...

O assalto sequer pode ser noticiado às autoridades policiais, haja vista o fato de a coleção montada por Mr. Oldman ser fruto de fraudes e corrupções nos leilões em que haviam sido adquiridas. Deprimido e sem parecer acreditar na perda definitiva de suas joias artísticas, o velho leiloeiro viaja para Praga. As cenas finais do filme mostram Mr. Oldman no interior do Café Night and Day, em meio a uma decoração impregnada de engrenagens e peças em movimento que representam a voracidade do tempo. “O senhor está sozinho?”, pergunta o garçom do Café. “Estou esperando alguém”, responde Mr. Oldman. Fecha-se, assim, um ciclo na vida da personagem. Semelhante a uma engrenagem que repete movimentos *ad infinitum*, Mr. Oldman representa como ninguém a tentativa de uma superação não concluída, o desejo de um amor irrealizado, o desespero pela projeção de um sentido maior para a vida.

O melhor lance, de Giuseppe Tornatore, não é uma obra-prima; é um filme que sequer seria candidato a integrar um rol de obras essenciais, como as que podem ser vistas em compilações do tipo “Mil filmes para ver antes de morrer”, apesar de eu duvidar, e muito, de compilações deste tipo. *O melhor lance* é um filme com altos e baixos, bons e maus momentos; oscila entre a perspectiva do bom entretenimento e a possibilidade de uma atitude mais reflexiva, sem, contudo, fechar-se em um destes polos de forma unilateral. Como bons momentos, há a trilha sonora conduzida por Ennio Morricone, o cuidadoso trabalho da direção de arte e algumas tomadas envoltas em grande sensibilidade. Como pontos fracos, há o roteiro arrastado, certos maneirismos de edição e uma velocidade juvenil na condução da narrativa. Assim mesmo, *O melhor lance* é um bom filme. Seu maior mérito é construir uma história aparentemente banal – um roubo a obras de arte –, mas que, pelo viés de uma personagem encurralada no labirinto de seu ego e de sua solidão, ganha vigor dentro da linguagem cinematográfica. O elemento-chave da narrativa – a solidão da personagem Mr. Oldman – evoca muitas possibilidades de sua inserção no roteiro concebido por Tornatore. Mr. Oldman foi ao limite, onde jamais pensaria em chegar, motivado por seu amor por Claire. Ao entrar no terreno acidentado das relações amorosas, ele deixou-se envolver, deixou-se guiar pelas forças de um Eros pulsante, sem medir as consequências, num ato supremo de entrega e confiança em Claire. O ápice desta confiança representa o acesso dela ao cofre artístico onde o velho leiloeiro escondia seu tesouro. Simbolicamente, a entrada de Claire no cofre representaria sua entrada definitiva na vida de Mr. Oldman.

O melhor lance é uma alegoria do fracasso, um filme que, pelas entrelinhas, revela o quanto de aparência conduz a vida de todos nós. É uma obra que faz refletir acerca da solidão, do vazio e dos estratagemas que criamos a fim de projetarmos imagens de sucesso e competência frente a um mundo que não perdoa escolhas alternativas. Sobretudo, é um filme que fala da busca por um amor genuíno e original, ou melhor, da experiência do amor como redenção e esperança, mesmo que tais elementos apareçam apenas como mera simulação, uma cópia sem valor.